

Um dia negro na vida de um riacho

O dia nascera claro e suave, espreguiçando-se lentamente. A temperatura amena respirava a humidade da noite e a brisa suave ondulava as gotas cristalinas que despertavam para um novo dia. A menina gotinha de água deslizou suavemente pelas folhas da árvore e foi crescendo com o abraço de outras gotas que a ela se juntaram, criando uma grande gota de água transparente. Muitas outras acorriam em festa, juntando-se ao pequeno riacho que corria por entre pedras e verduras. Tico, um menino traquinas, esguio e vivaz, corria alegremente no meio do arvoredo e estava a chapinhar os pés nus na água fresca corrente, salpicando o Farrusco, o seu pequeno rafeiro, que saltitava junto a si. Subitamente, de um cano escondido na margem, surgiu por entre um odor forte e nauseabundo um pequeno caudal, escuro e oleoso, que foi engrossando e parecia querer lavar-se na água corrente. Tico, surpreendido, afastou-se por instinto, enquanto o pequeno Farrusco latia sem parar. Ao longo do riacho, a mancha negra alastrava seguindo o curso de água que sufocava de dor. Tico tinha ainda a esperança de que lavada no riacho a mancha negra se purificasse, mas o milagre parecia não acontecer. De facto, os pequenos caudais pareciam travar uma luta, mas a mancha negra trazia uma capa gorda que oprimia o riacho e os pequenos seres que nele viviam e que começavam a sufocar... Tico chamou o avô e, chorando, mostrou-lhe o pequeno riacho agora pegajoso, com uma mancha escura que se adensava.